

# CAMUS. CHRISTOPHE, MAIS QUE FAIT VRAIMENT L'ARCHITECTE?, PARIS: L'HARMATTAN, 2016

Prof. Dr. Francisco Segnini Jr.



O questionamento dos aspectos da produção arquitetônica e do discurso que a acompanha no processo de legitimação, constituem o eixo central do texto. É nessa perspectiva que o autor indaga a organização dos arquitetos e dos instrumentos utilizados no processo de qualificação da produção arquitetônica.

A pesquisa desenvolvida pelo sociólogo Christophe Camus, professor e pesquisador na *École Supérieure d'Architecture de Bretagne* em Rennes, na França procura responder e qualificar a discussão acima<sup>1</sup>.

Para implementar essa discussão o autor se apoia no processo de produção do projeto *Champs Libres* construído na cidade de Rennes de autoria de Christian de Portzamparc, o qual foi objeto de concurso realizado em 1993. A obra somente foi inaugurada no ano de 2006.

Camus procura entender o trabalho do arquiteto do ponto de vista sociológico por meio de suas produções e suas práticas ou, ainda, do processo de construção dos argumentos que justificam suas propostas arquitetônicas. Dessa forma, a pesquisa referida se concentrou nas estratégias explicativas no processo de convencimento da importância da sua razão de ser.

1 É também de sua autoria o livro *Lecture sociologique de l'architecture décrite* (L'Harmattan, 1996).

A “arte de construir” se desdobra em atividade profissional e econômica, contribui para produzir o espaço material onde se desenvolve a vida social.

Neste texto a arquitetura não é analisada por meio das perspectivas habituais, ou seja, não terá como objetivo a análise da produção propriamente dita e nem pretende qualificá-la, nem mesmo estudar seus impactos no meio ambiente. Não abordará também a sociologia da profissão ou, ainda, a prática profissional. Camus estuda e aprofunda a construção da prática profissional, das culturas e modos de existência da arquitetura, questionando indiretamente os projetos, as obras ou as realizações arquitetônicas. Privilegia a arquitetura representada e comunicada sem se deter sobre as representações convencionais – desenhos, maquetes ou fotografias – de uma arquitetura a ser construída. Afirma que as linguagens do desenho, maquete e fotografia são informações que, necessariamente, necessitam do acompanhamento de verbalizações.

A pesquisa apresentada enfatiza o poder do discurso do arquiteto no sentido de notar, ver ou compreender os conteúdos das representações com o objetivo de justificar ou legitimar o espaço construído enquanto uma arquitetura qualificada.

Dessa forma o texto percorre transversalmente diferentes situações por meio dos diferentes capítulos.

Assim, no primeiro capítulo elabora uma reflexão sobre a arquitetura descrita por meio da imprensa profissional e mediática e sua definição enquanto prática e cultura. No segundo capítulo a pesquisa se concentra sobre o processo de produção no interior de um escritório de arquitetura, no caso, a “agência” de Christian de Portzamparc. O terceiro capítulo analisa o discurso de diferentes arquitetos no momento da defesa de suas propostas no processo de convencimento daquele ou daquelas que encomendam o projeto.

A habitação individual e suas relações com o cliente, os pequenos projetos, são tratados no quarto capítulo. O quinto capítulo discute a inserção de novas questões no processo de construção do discurso arquitetônico, tais como a ecologia e a sustentabilidade.

Finalmente, a pesquisa em pauta coloca em evidência uma sociologia da arquitetura, ou seja, o estudo da arquitetura comunicada e praticada por meio da linguagem verbal, por meio de relações sociais, ainda que apoiada em imagens típicas das representações arquitetônicas, tais como, desenhos, maquetes, fotografias, etc.

A leitura desta obra me fez recuperar, concordando, com a frase Friedrich Nietzsche na qual afirma – “ Infelizmente, nas guerras estéticas que provocam os artistas pelas suas obras e seus discursos destinados a lhes dar sustentação, é também a força que decide de forma definitiva, e não a razão”<sup>2</sup>.

Recomendo a leitura dessa pesquisa para arquitetos, sociólogos e estudiosos da temática.

2 NIETZSCHE, F. *Humain trop Humain*, Paris, Ernst Wilhelm Fritsch, 1886